

REVISTA **MARÉ ALTA**

*** CHEIA DE ARTES ***

Entrevista

Silvia Moura relembra trajetória e desafios na arte

Bastidores

A arte feita por quem está "atrás" dos palcos

Som

Podcasts e audiolivros ecoando arte para ouvir



2ª EDIÇÃO



Expediente

DIRETORA DE CONTEÚDO

Ana Vitória Almeida

COORDENADOR DE COMUNICAÇÃO

Nathanael Filgueiras

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS

Nathanael Filgueiras

Nyara Cavalcante

TEXTO

Nathanael Filgueiras

Nyara Cavalcante

FOTOGRAFIA DE CAPA

Gabi Gomes

DESIGN DE LOGOMARCA

Tim Oliveira

PROJETO GRÁFICO

Nathanael Filgueiras

REVISÃO FINAL

Ana Vitória Almeida

Sugestões de pauta

revistamarealta@gmail.com

Vem anunciar nessa maré de coisa boa!

revistamarealta@gmail.com


Instagram @revistamarealta



Editorial

Uma nova edição, uma maré cada vez mais cheia de cultura. Chegando agora a novidade que estamos abertos para todo o Ceará. Com entrevistas e matérias que permeiam diversas áreas e vivências no meio artístico, temos como destaque a entrevista com Silva Moura, lembrando memórias de uma trajetória de luta e arte. Contamos ainda sobre o talento e malandragem da artista Jeffe.

Nesta edição, conheceremos o trabalho de quem atua nos “bastidores” da arte; a popularização de podcasts e audiolivros; entenderemos mais sobre performance e discutimos também sobre arte e o processo de envelhecimento. Vem mergulhar nessa Maré!



Índice



06

Muito Além
da Ficha Técnica

10

Afetos performáticos

12

Entrevista
Jeffe

18

Opinião

20

Arte para Ouvir



24
Entrevista
Silvia Moura

32
Opinião

34
A arte depois dos 50



37
Ensaio
"A cidade e a lama"

40
Acessa aí

Muito além da ficha técnica



Foto: Toni Benvenuti

Quando os holofotes iluminam a atriz principal em uma cena dramática, é preciso que alguém crie e projete esse feixe de luz. Quando o cenário é trocado de forma mágica em poucos segundos, uma equipe de produção tem que agir de forma sincronizada no palco. Quando as cortinas abrem para te apresentar um mundo novo, uma pessoa tem que puxar as cordas no momento exato. Cada momento assistido pelo espectador final é resultado do árduo trabalho de luz, som, figurino, cenário, produção, montagem e direção de pessoas que, muitas vezes, só conhecemos por um nome escrito na ficha técnica.

Ruth Aragão é figurinista e estilista há mais de 20 anos e explica a importância da profissão para a montagem final. “O figurino se insere no que se entende como visualidade da cena, ajudando também na construção dos personagens e em interlocução direta com os outros elementos cênicos: luz, cenografia e som. Como discurso visual, o figurino não só traduz, mas é capaz de criar dramaturgia e movimento, seja para a cena, ou para uma fotografia. Analogamente, na moda - na fotografia de moda - o figurino como discurso fala do nosso tempo, dos nossos valores, dos nossos desejos”, conta.

Ruth já trabalhou com grandes nomes da cena cultural como Jackson Araújo, Karim Aïnouz e Clóvis Jucá, e mesmo depois de tantos anos de carreira, ainda enfrenta desafios na profissão que escolheu. “É muito ‘estranho’ que alguns artistas não reconheçam o/a figurinista como criador/a e, equivocadamente, o/a confundam com um/uma costureiro/a; no sentido de um/a mero/a executor/a das ideias do/a diretor/a e/ou do grupo. Na verdade, entendo que essa ‘confusão’ expresse um duplo desrespeito: ao considerarem o/a figurinista como costureiro/a estão dizendo que aquele/a profissional não é capaz de discutir, argumentar, criar; e, ao fazer isso, tornam explícita uma tentativa de deslegitimar, diminuir o seu capital simbólico (criativo e produtor de conhecimento); o que também desvaloriza o cachê”, conta.

“Como mulher também sofro violências simbólicas, machismo e misoginia. Constantemente, um homem quer me silenciar, interromper minha fala, explicar algo do meu domínio de conhecimento. Sigo repudiando essas práticas e não me calando; uma luta incessante”, complementa Ruth.

“É muito ‘estranho’ que alguns artistas não reconheçam o/a figurinista como criador/a e, equivocadamente, o/a confundam com um/uma costureiro/a; no sentido de um/a mero/a executor/a das ideias do/a diretor/a e/ou do grupo”



Foto: Acervo Pessoal



Foto: Daniel Firmino

Aline Rodrigues se interessou pelo mundo da arte por influência da sua mãe, que sempre a levou para teatros e centros culturais desde pequena. Ainda criança fez dança, participou de um coral e, já adolescente, se descobriu atriz. Após uma necessidade do grupo teatral do qual fazia parte, começou a estudar Iluminação e hoje atua como iluminadora cênica.

“Quando você acessa essa área, você percebe que, para realmente entender como criar uma luz, primeiro é preciso entender que mecanismos pode utilizar para fazer isso. O potencial criativo está em todos nós enquanto artistas. A iluminação está presente desde o primeiro momento em que se fez arte. Quando se fez teatro também se teve luz. A iluminação está no teatro, na música, na dança, no cinema, no audiovisual, o pensamento luminoso sempre esteve presente”, conta a artista. “A questão de criar a luz é muito mais transformar uma ideia em realidade,

de, precisa entender das técnicas, saber sobre física, eletricidade, refletores, e como essa luz pode chegar na cena, o que ela vai comunicar. Tudo o que eu coloco em cena influencia no que a plateia vê, aquela luz vai criar uma história. O principal desafio é entender esses mecanismos”, complementa.

Tal como Ruth, Aline também enfrenta percalços diariamente para fazer arte. “Dentro da área, por eu ser mulher, acaba também sendo um desafio. Precisamos desmistificar esse lugar que é majoritariamente masculino. Nós estamos caminhando, mas infelizmente ainda preciso provar que também sou capaz”, pontua.

A falta de verba dentro do cenário cultural também é uma dificuldade dentro da profissão. “Há desvalorização porque o teatro é precarizado. Em relação aos editais, se você for comparar com o audiovisual, até um curta-metragem



Foto: Alan Cardoso



Foto: Acervo pessoal



Foto: Tim Oliveira

recebe um valor infinitamente maior que uma produção de teatro. Muitos grupos nem conseguem acessar editais, e por isso elegem prioridades, e a prioridade geralmente é quem está na ponta, o ator, a atriz, o diretor, a diretora, e acaba que nós, técnicos, ficamos em um lugar de negociação, de troca e apoio, por conta da falta de dinheiro para executar. Fora isso, há também um desconhecimento. A área técnica é uma área de pensamento e execução. Se for me chamar para criar uma luz, isso é um serviço, depois você precisa operar durante o espetáculo. Aqui acaba que uma pessoa faz todas as funções e não é paga por isso, não recebe bem. A gente não tem ainda uma graduação em iluminação, essa demanda de formação é precarizada também. Há desvalorização, mas há também um caminho de escuta, já vejo mais grupos percebendo e entendendo a importância do espetáculo possuir um iluminador, um sonoplasta, um cenógrafo, um figurinista. A gente tem que continuar falando para fortalecer também o lugar das áreas técnicas”, finaliza Aline.

“Muitos grupos nem conseguem acessar editais, e por isso elegem prioridades, e a prioridade geralmente é quem está na ponta, o ator, a atriz, o diretor, a diretora, e acaba que nós, técnicos, ficamos em um lugar de negociação, de troca e apoio, por conta da falta de dinheiro para executar.”



Foto: Eudo Araújo Jr.

Afetos performáticos

Quando você escuta ou lê a palavra “performance” o que vem em sua mente? A resposta, certamente, permeia uma diversidade de possibilidades, principalmente se ligada ao campo artístico. A depender de cada vivência, tudo pode ser performance: corpos em movimento, sons flutuantes ao vento, expressões de uma vida inteira.

A performer Aires vivencia a arte desde os 14 anos de idade, quando iniciou um curso de Teatro na Casa da Comédia Cearense, localizada no Rodolfo Teófilo, bairro onde também mora há 32 anos. Em 18 anos de experimentações, o fazer teatral e o fazer performativo se encontram no trabalho que desenvolve atualmente.

Para Aires, a performance se traduz como uma possibilidade de subverter lógicas de funcionamento. “A performance propõe para o corpo uma reorganização de afetos. Quando penso em performance eu penso na possibilidade de construção de outras existências, outros mundos, outras possibilidades de escritura, reparação, mas sempre a política atravessa essa construção”, explica Aires.

Essa breve (ou infinita) confusão na busca de uma resposta para o que é performance talvez a impulsiona, incorpore forças e agregue formas e nomes. “A arte contemporânea propõe articular uma diversidade de linguagens, desafiando as classificações convencionais, pondo em questão o caráter das representações artísticas e a pró-

pria definição de arte. Mais do que contemplar a natureza estética, a Arte Contemporânea busca refletir de modo subjetivo sobre a obra artística.”, explica.

Atualmente Aires desenvolve a “desobediência de gênero”, nome do seu mais recente trabalho. O processo se iniciou como um trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Ceará. A artista desenvolve uma pesquisa em escrita performativa, partindo da autobiografia, convidando outros artistas do Ceará para propor performances que exploraram as relações entre experimentação de gênero, liberdade sexual e violência, questões latentes no processo de entendimento pessoal e artístico de Aires.

Entre tantas formas de fazer nascer um trabalho assim, o artista plástico Davi Ângelo, utiliza a fluidez das águas para dar vida à arte. O trabalho performático, que resgata os seres híbridos do folclore, atravessa os rios e nos presenteia com belas imagens. “Quando percebi tudo que produzia ou fazia tinha esse direcionamento ou partia desse trabalho com criaturas e com as interpretações artísticas. Percebi despertar em mim o desejo de compreender melhor a forma 3D desses contos e lendas que sempre estiveram presentes na minha infância”.

“Eu compreendo que todos trabalhos artísticos sejam compostos de códigos e chaves, quando esses códigos nos tocam e as chaves nos abrem isso é o equivalente a um estado de encantamento.”

As esculturas realistas de sereias completam a performance nos rios. Carregam em si um ar de mistério e nos geram curiosidade. Para o artista, a ação performática causa interações diferentes em cada indivíduo. “Eu compreendo que todos trabalhos artísticos sejam compostos de códigos e chaves, quando esses códigos nos tocam e as chaves nos abrem isso é o equivalente a um estado de encantamento. Pode ocorrer ou não. Eu fico entre a provocação do estranhamento e do encantamento pois acho que ambos podem estar presentes no mesmo trabalho”, complementa.



Clique e confira o documentário **Coro D’Osun**

Foto: Márcio Tibúrcio

Talento e Malandragem



A cantora, compositora e performer, Jeffe, descobriu o talento para as artes ainda na escola. Amostrada, como ela mesma se define desde jovem, deu seu pontapé inicial no mundo da música cantando na igreja e, a partir daí, nunca mais parou. Jeffe já foi Gary Coleman, Pepita York, Seu Alfredo de Lara, e ainda será muitas mais, porque Jeffe é pluralidade, é multiartista, é talento.

Revista Maré Alta: Como você começou sua carreira artística?

Desde a época da escola. Eu estudava no Sesi, que era uma escola que oferecia várias atividades extra curriculares artísticas, tinha teatro, projetos de leitura, uma estrutura de teatro inclusive lá dentro, então acabei usufruindo de tudo isso e me descobrindo artista desde ali. Eu participava de todos os projetos de leitura, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia do Livro, o que tivesse eu estava metida, sempre fui amostrada, gostava de me apresentar para o público, eu comecei mesmo nessa coisa da leitura. Eu ia pra biblioteca decorava os textos e os livros que eu lia, os projetos da escola tinham recital, sarau da poesia, então iniciou por aí. Profissionalmente começou em 2014/2015, foi quando eu me atrevi mesmo, me descobri cantora na igreja, foi aí que eu linkei as duas coisas, a performance, de se apresentar em público, com a descoberta da

“O acesso à cultura foi pouco, quando a minha mãe podia, a gente ia pro cinema no Cine São Luiz ou assistia peça na escola”

música. Clássica né?! Em 2014 eu participei do Canta Parangaba, um concurso de calouros. Ali fui descoberta pela Priscila Ribeiro, que foi minha professora de canto. O Levi Castelo Branco, que foi a primeira pessoa a me dar uma oportunidade para cantar em baile, casamento e festas corporativas. Nesse entremeio veio o teatro musical, eu fiz audição para o musical da “Avenida Q”, em 2015, passei, enveredei por esse caminho do teatro musical e foi assim, a fome com a vontade de comer. Costumo dizer que minha construção foi autodidata e malandra. Fui por um caminho fora do que seria o normal, fora do caminho acadêmico. As minhas vivências me deram todo conhecimento e a base, a base técnica que eu tenho em relação a performance, com relação às artes cênicas, fui aprendendo e me jogando mesmo nos desafios, construindo esse caminho torto que adoro contar e cantar.

RMA: Em que momento você começou a pensar em desenvolver um trabalho autoral?

De 2015 para cá foram muitas andanças, gratidão total inclusive a todos os processos artísticos que eu tive. Me envolvi com o teatro musical, mas também cantei muito na noite, barzinhos, restaurantes, festivais através de projetos artísticos como o “Las Tropicanas”, que foi um projeto que me colocou como a Pepita York que é uma personagem Drag Queen. Teve muito carnaval, muita noite, muitos “geras”, e também veio o cinema, tive oportunidade de fazer dois trabalhos grandes que foi o “Lana e Carol”, que é uma série adolescente, e o “Cabeça de Nego”, que estava inclusive nos festivais, bem recente. Nessas vivências eu me aproximei muito de pessoas, de artistas, de amigos.

Eu via essa galera produzindo um trabalho autoral, produzindo o próprio caminho, cantando suas músicas, criando projetos, performance, peça de teatro, e aí, depois de vencer muita autossabotagem, muitas questões, depois de muito autoconhecimento, mergulhos, e a pandemia então, nem se fala, foi a cereja do bolo, foi realmente batendo de frente comigo mesma: “E aí, gata, vamos lá, quem é você, onde é que você vai, o que você quer contar, qual é sua mensa-



gem, o que você tem a oferecer pro mundo enquanto autoral?”. Comecei a mergulhar mesmo nas minhas canções, nas minhas composições, nos meus escritos. Apresentei isso pra minha galera e fui desenvolvendo com eles. Mostrei pra eles minhas músicas autorais, a gente entrou em processo de conhecer essas músicas e nasceu meu primeiro single autoral que foi “Gozo”, eu lancei exatamente no final do ano passado. Foi o pontapé inicial, pronto, agora é Jeffe: J, E, dois F’s, E. Jeffe como cantora. Eu sou uma pessoa, eu sou uma voz que canta, que atua, que fala,

“J, E, dois F’s, E. Jeffe como cantora. Eu sou uma pessoa, eu sou uma voz que canta, que atua, que fala, que interpreta.”

que interpreta, enfim, até mestre de cerimônia de vez em quando. Isso está bem recente, tudo bem a flor da pele. “Gozo”, na verdade, já estava sendo produzido desde 2017, mas o pé na jaca a gente enfiou mesmo no final do ano passado, eu disse assim: “Vamos lançar esse negócio, vamos começar essa carreira autoral e seja o que Deus quiser!”. Nessa era pandêmica eu não podia esperar melhorar, enfim, é fazendo que se descobre. E foi assim mesmo que eu construí boa parte da minha carreira então não seria diferente, né? Só vamos lá e vamos ver no que dá e está lindo, está babado.

RMA: Vamos falar sobre a Pepita, como foi que surgiu essa Drag Queen?

Eu tinha acabado de voltar de Nova York. Muito chique, né? (risos) Tinha participado do Broadway Brasil, em parceria com a Broadway Dreams Foundation, em 2016, e tive uma vivência lá com workshop de teatro musical. Quando voltei, o Cláudio Mendes junto com a Lorena Nunes tiveram a ideia de montar uma banda com três cantoras negras com a vertente mais tropical e músicas latinas. Lorena e Claudinho me convidaram, sabendo que eu tinha feito uma personagem feminina em Nova York, me provocaram, disseram assim: “Jeffe, você não quer criar uma personagem, compor esse elenco e se

jogar com a gente?”, aí eu disse sim, lógico, eu não dou o pé pra trás de jeito nenhum. Eu acho que ali também, falando um pouco mais pessoal, sobre os meus processos identitários, a Pepita foi um presente, porque foi ela que me conectou com minha feminilidade, com o meu eu mulher e foi a partir dela que eu me entendi como uma pessoa não binária. Tive muitas crises com ela, quando ela tava sendo a Garota do Carnaval de Fortaleza, eu disse: “como assim, mulher? Aí é tu e aí sou eu, quem é quem?”. Jeffe veio só para clarear e acolher todo mundo, as várias personalidades que se inserem aqui no meu corpo. Tenho muito carinho, muito respeito e muita gratidão pela Pepita York ter começado, ter feito com que eu me conectasse com meu alter ego e não só com meu alter ego.

RMA: Tem algum outro trabalho que foi marcante na sua carreira? Que te construiu como artista?

Os dois trabalhos que me fizeram perceber e sentir tudo isso foi a Pepita York e o Musical “Dona Ivone Lara” que eu fiz em 2018. Eu fui pro Rio de Janeiro, foi minha primeira experiência de trabalho fora (eu fui pra Nova York mas foi mais uma experiência de curso). E o “Dona Ivone Lara” me provocou a ir pro extremo oposto, porque eu tava aqui sendo linda, maravilhosa, Pepita York, com todo o meu eu mulher em erupção e cheguei no Rio de Janeiro e passei nas audições para fazer um sambista e um estivador. Eu pensei “O que que a gente faz agora? Você vai aceitar o desafio, ou como é?”, mais uma vez eu disse sim. Eu to aqui, me chamaram porque viram que eu sou capaz de oferecer esse trabalho, de desenvolver esses personagens.

Muitas crises, porque estava realmente muito distante da minha zona de conforto, mas eu me joguei, acessei meu eu masculino e foi lindo esse processo. E não só por isso, não só por essas questões identitárias, eu acho que o “Dona Ivone Lara” acessou na verdade a minha negritude, porque foi a primeira vez que eu fiz um trabalho onde quase que 100% das pessoas envolvidas eram pretas, desde a direção, elenco, concepção, camareiras, técnica. Nós estamos contando a

“A Pepita foi um presente, porque foi ela que me conectou com minha feminilidade, com o meu eu mulher e foi a partir dela que eu me entendi como uma pessoa não binária.”



Foto: Henrique Kardoso

história da Dona Ivone, e ela é uma das primeiras mulheres negras sambistas da história do samba. Cantou nas rodas de samba, fez samba enredo, foi pra avenida. A história dessa mulher sendo contada através do meu corpo e através de corpos negros, assim como o meu, era uma coisa que eu ainda não tinha vivido de experiência. Afetou diretamente minha autoestima e mais uma vez me atravessou como pessoa.

RMA: Hoje temos algumas referências travestis e performers de grande sucesso no Brasil. Você se sente inspirada e/ou representada por essas artistas?

Com certeza, inclusive em questão de sonoridade. A sonoridade dessas artistas, a Linn da Quebrada, Glória Groove, a própria Pablló Vittar. É muito interessante porque a Pablló já me atravessa num lugar muito específico, porque Pablló Vittar é uma Drag Queen, usa um nome masculino e o Brasil e o mundo acolheram essa artista com seu nome masculino, desconstruindo qualquer tipo de questão, de identidade, de pronome, de gênero. É uma artista e o nome dela é esse e ela só foi abraçada, porque a arte tem disso, a arte não tem gênero, não tem cor, não tem nada, ela vem com o propósito dela e ela cumpre o propósito dela. Então, com certeza essas artistas me inspiram muito e criam um caminho possível para sonhar e para desenvolver música e arte.

RMA: Falando agora sobre seu processo autoral, sobre a sua composição, quais são as fontes de inspiração?

Eu, agora que estou nesse babado do autoral, fiz um trabalho de pesquisa para entender de onde veio a minha influência musical, em que lugares da história, da minha infância. Eu voltei pra casa, literalmente, voltei pra casa dos meus avós, quando eu nem sonhava com absolutamente nada, só queria saber de ficar na rua brincando ou me divertindo. Lembrei que meus avós ouviam muitos clássicos, brega, MPB, bossa nova, samba, essa música brasileira mesmo, mais raiz, principalmente brega, e isso foi se desenvolvendo, entrando aqui, construindo essas subjetividades na minha cabeça, depois eu me

“A arte tem disso, a arte não tem gênero, não tem cor, não tem nada, ela vem com o propósito dela e ela cumpre o propósito dela.”

conectei diretamente com o pop, principalmente com esse pop americano, que vem dos negros americanos, o pop gospel, e também tive minha vivência na igreja, tudo isso se misturou e está sendo bem divertido perceber que o meu som sofre todas essas influências. Falando de inspiração e falando de novos caminhos, autoral e tudo mais, eu tenho me inspirado muito nos artistas daqui.

Não é discurso bonitinho não, é porque ver o “corré” dessa galera, assistir essas pessoas desenvolvendo seu próprio trabalho, com a força do seu braço, com garra, com coragem, principalmente pretos periféricos, as mulheres, as bichas pretas e trans, é uma galera muito independente, que se ajuda e tem um instinto de coletivo sem se preocupar muito onde vai chegar, mas com o fazer mesmo, em se satisfazer de estar fazendo, de estar existindo, de estar vivo e fazendo. Essa galera me inspira muito: Luiza Nobel, Matheus Fazendo Rock, Mumu, então tem muita gente hoje fazendo arte aqui e essa galera é um espelho pra mim.

RMA: Ser artista tem muitas adversidades. Mesmo depois de anos de carreira, você ainda sente isso?

Eu costumo dizer que o meu metabolismo de vida é muito acelerado e, às vezes, não dá tempo de você parar, respirar e se nutrir de tudo aquilo que você vive e faz. Viver numa nação, num estado diretamente influenciado por patriarcado, por cristianismo e por uma série de padrões que não te contemplam, não te abraçam, não

te representam e você não se vê em lugar nenhum, você se sente um E.T., um patinho feio, um biscoito fora da caixa. E até quando você se encontra, quando você começa a construir o seu ser, você continua parecendo com nada, você continua não se encaixando em nada. Você fica feliz de se descobrir mas continua indo contra a corrente.

A gente tá vivendo um momento de posicionamento, então tem uma arma apontada pra gente o tempo inteiro. Seja do sistema, seja da sua própria comunidade, às vezes eu sinto um pouco dessa autocobrança, de se afirmar, de dizer o que é, de dizer de onde veio. Até pra mim que estou num processo muito à flor da pele, muito recente também de se entender como uma pessoa não binária, entender esse corpo no mundo, entender que nós estamos vivendo uma era digital e muitas vezes gera na gente essa autocobrança de se afirmar, de levantar bandeiras, por uma questão importante também, porque enfim, as bandeiras hoje nada mais são, pra mim, que um momento de dizer que nós existimos. Então qualquer luta é só para dizer assim: “Nós estávamos aqui o tempo todo só você não viu”.

Eu tô buscando esse respiro, sabe? Me acolher, me guardar, estudar um pouco mais sobre a minha própria comunidade, fazer esse caminho de volta, me conectando com a minha própria família, com meus amigos, com esses artistas nos quais eu me espelho. Acho que é mais um momento de perguntas do que de respostas. Estou cansada desse negócio de estar tudo pronto, tudo muito genérico, e já chegar com o textão na internet, tudo muito arrumado e positividade tóxicas. A gente está vivendo um momento em que as pessoas estão sentindo muita falta de proximidade. E proximidade é vida real, sabe?! A vida real é viver mesmo, viver mais do que falar, viver mais do que postar.

“A gente tá vivendo um momento de posicionamento, então tem uma arma apontada pra gente o tempo inteiro.”



OPINIÃO

Destino Mucuripe



Foto: Luiz Alves

Luiza Carolina Figueiredo*

Da tela preta e do barulho do mar, surge um ponto de luz amarela. Um farol? O nascer do sol. Sob a luz de vela, passa um barquinho levando um altar para São Pedro, o padroeiro dos pescadores. Uma jangada sendo levada ao mar e aquele movimento. Uma pesca? Uma dança? Os dois.

Velho fraco, quase cego, / meus dias passo no mar / sobre a minha jangada. / À noite volto ao meu lar. / Às vezes rindo contente, / muitas vezes a chorar.

É assim que começa o espetáculo “Corpos Embarcados”, da Companhia Barlavento. Duas dançarinas-atrizes, três músicos e dois atores encenam uma homenagem aos pescadores, ao Mucuripe e fazem uma crítica à especulação

imobiliária que ocorre no bairro que é dono de uma das mais belas vistas de Fortaleza. Tudo isso através de música, dança, poesia, história de pescador, projeções, sobreposição de imagens e jogo de sombras.

Vai pescador, filho do vento, irmão das águas, teu rosto tem rugas onde o mar deságua.

A primeira parte da apresentação é uma sequência de dança e várias brincadeiras entre as duas dançarinas. Então, a alegria é interrompida. Dois empreiteiros chegam para especular sobre a beleza e as possibilidades do lugar. Deruba tudo que é natural e, qualquer coisa, planta artificial, pois o importante é abrir espaço para o sonho, o Two Towers Wonder Residence Club. “Os outros passam as férias, você pode morar”. E metade do palco é levado junto com




 Clique e confira o “Corpos Embarcados” no Youtube

Foto: Reprodução Youtube

a apropriação de elementos e da cultura local, pois nada melhor do que substituir a vida pela sua encenação.

Mas os pescadores resistem, mesmo quando ainda mais é tirado deles. Porque eles têm sangue de índio e mesmo que o País não os respeite, o fardo é resistir. E assim o Mucuripe resiste.

“Corpos Embarcados” nasceu da vontade de falar sobre o bairro e sobre o Fandango Cearense, uma dança dramática que fala sobre as aventuras de uma embarcação, movimento que era tão comum na vila de pescadores e que hoje vive apenas na memória. E no teatro.

A apresentação foi integrada e regravada para o Projeto Ações de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial de Fortaleza, da Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza (Secultfor), que, em abril, homenageou a Festa de São Pedro dos Pescadores do Mucuripe. O vídeo foi disponibilizado temporariamente pela secretaria, mas ainda pode ser assistido no canal da diretora de movimento, Circe Macena.

Além do espetáculo, várias atividades virtuais e gratuitas foram disponibilizadas na página da Secultfor no YouTube, como webinários, aula espetáculo, lives e exibição de teatro documental, com a participação de moradores do Mucu-

“Corpos Embarcados” nasceu da vontade de falar sobre o bairro e sobre o Fandango Cearense, uma dança dramática que fala sobre as aventuras de uma embarcação”

ripe e especialistas na Festa e na comunidade. O convite foi feito. Resta saber quem vai embarcar nesta história.

Minha alma é só de Deus / meu corpo eu dou ao mar.

***Luiza Figueiredo é graduada em jornalismo pela Universidade Federal do Ceará. Já foi repórter no Diário do Nordeste e na Revista Vós. Atualmente trabalha como atendimento digital na agência de publicidade SG Propag. Seus interesses são: literatura, fotografia, viagens e café.**



Clique e confira o
"Nas Ideia Podcast"



Foto: Divulgação do "Nas Ideia Podcast"

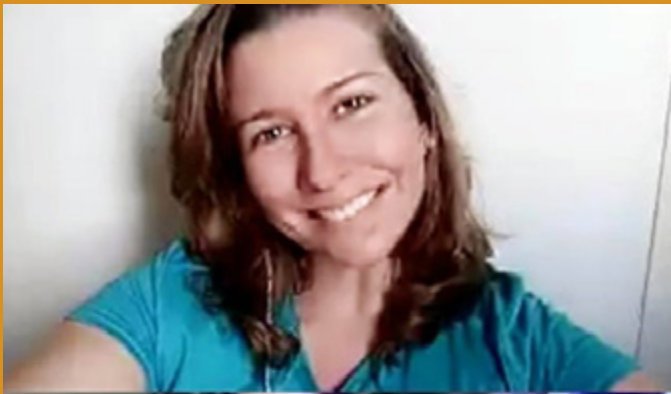
Arte para ouvir

Fazer arte envolve provocar o sentir. Um toque, um olhar, um gosto, um cheiro, uma escuta. Consumir essa arte é, portanto, abraçar os sentidos e então senti-la. Nos últimos anos, a "escuta" se amplificou com a popularização dos podcasts e audiolivros, abrindo espaço para uma diversidade de temas e debates dentro das plataformas digitais. A arte, por sua vez, não ficou de fora, sendo discutida em inúmeros projetos.

Um deles é o "E pode, casting?" que tem o propósito de gerar questionamentos sobre assuntos que estão presentes no cotidiano de três atrizes. Com um roteiro diferenciado, o trabalho reúne informações, relatos e ainda ousa com uma radionovela bem humorada em cada episódio. Uma das criadoras, a atriz Raissa Starpravo, acredita que o formato é uma possibilidade de acesso fácil para criar conteúdos autorais. "Uma linguagem não exclui, de fato, a

outra, mas deixa mais acessível para que outras pessoas façam acontecer, sem precisar de grandes contratos e contatos para que suas vozes sejam ouvidas. É uma acessibilidade não só para quem cria, como também para quem consome, tendo em vista que há uma infinidade de temas abordados e visões que não são tão "censuradas" pelo posicionamento, opções e visões da emissora, gravadora ou agência", explica.

A ideia surgiu com o objetivo de compartilhar a visão de mundo das atrizes, humanizando o "ser artista". "Queríamos uma grande conversa, falando principalmente de comportamentos que nós, enquanto sociedade, temos. Nessas discussões percebemos que nos impactava muito como a nossa profissão era tratada e vista. Só quem era "famoso" era considerado artista. Mas artista é quem é "fazedor de arte" e não tem essa



glamourização, de fato, nessa profissão e sim, muita dedicação e, muitas vezes, pouco reconhecimento e mercado.”, conta a atriz.

Quem também promove arte e cultura nesse meio são os atores e comediantes Dani Alves e Nairton Santos, criadores do “Nas Ideia Podcast”. O projeto traz uma pluralidade de assuntos, abordando temas como consciência de raça, identidade de gênero/orgulho LGBTQI+ e empreendedorismo. Os episódios, que contam sempre com um convidado, iniciam com a frase “falando de coisas aleatórias, mas com sentido” dando o tom bem humorado da conversa que segue.

O crescimento e a tendência dos podcasts nas redes é reflexo também dessa pluralidade de assuntos discutidos. “O podcast tá lá, basta a pessoa escutar. Vai encontrar tudo que quiser aprender. Ele dialoga se colocando à disposição de ensinar, de contar experiências. E o ouvinte vai com vontade de aprender. Aí tem um diálogo. Você pode buscar qualquer coisa, tá lá, só ir atrás”, explica Nairton Santos.

Apesar das facilidades que o podcast proporciona, os desafios de executar um trabalho assim também estão presentes. “Somos um podcast liso, eu diria até um “pobrecast”. Hoje nos-

“O podcast tá lá, basta a pessoa escutar. Vai encontrar tudo que quiser aprender. Ele dialoga se colocando à disposição de ensinar, de contar experiências (...)”





Clique e confira o audiobook
"Para Ouvir e Imaginar"

“Os audiobooks não vieram para substituir a leitura dos livros tradicionais. Eles são mais uma opção de acesso aos livros e ao universo das narrativas que preenchem nosso tempo, nos inspira, informa e transforma por meio das palavras”

so maior desafio por não ter equipamento, é ter grana para ir até a produtora gravar os episódios. Fazemos tudo isso do próprio bolso, sem retorno financeiro. E fazer isso, usando do próprio orçamento no meio de uma pandemia, não tem sido fácil”, explica Dani Alves.

Além dos podcasts, outra forma de ouvir “arte” está ganhando força nas plataformas digitais: os audiobooks. Como o nome propõe, os livros narrados se apropriam da escuta para serem difundidos. As páginas, portanto, ganham vozes e narradores. O comunicador social Bruno Alencar teve a primeira experiência com a produção de audiobooks no Instituto dos Cegos, no projeto Livro Falado. Lá os voluntários dedicam um tempo do dia e emprestam sua voz para narrar e gravar livros para quem não pode lê-los. A admiração do comunicador pelo trabalho desenvolvido rendeu novos projetos pessoais, como a criação dos audiobooks “Para Ouvir e Imaginar” e “Salve Quebrada”.

Em “Para Ouvir e Imaginar”, os leitores se transformam em atores, narrando as histórias com afino, fugindo da simplicidade de uma narração contínua e monótona. “A produção de


um audiobook requer muito compromisso e dedicação, pois o leitor precisa se atentar com as entonações, ler de forma clara para que os ouvintes possam entender o que está sendo dito”, conta Bruno. “É recomendado ler toda a obra antes de gravar, para entenderem melhor cada personagem e pensarem, com antecedência, que voz dar a cada um deles. É preciso dominar o desafio de produzir algo de qualidade, que transmita emoção e fique na memória de quem ouviu. Não basta narrar, é preciso interpretar.”, complementa.

Além de proporcionar mais acessibilidade, essa modalidade de narrativa vem ainda para complementar o mundo literário, trazendo mais uma opção de como consumir arte. “Os audiobooks não vieram para substituir a leitura dos livros tradicionais. Eles são mais uma opção de acesso aos livros e ao universo das narrativas que preenchem nosso tempo, nos inspira, informa e transforma por meio das palavras”, explica.


Comunicar bem também é arte.



**Assessoria de Comunicação e Imprensa
para artistas, grupos e eventos culturais.**

 **(85) 988820093 | (85) 987501834**

 Clique e confira o perfil de
Silvia Moura no Instagram



Na parede da memória, o retrato da artista que luta.



Foto: Fernando Maia



Ainda criança Silvia Moura se entendeu como artista. A atriz, bailarina e coreógrafa começou a trabalhar aos 15 anos como professora de dança para sustentar o sonho sem grande apoio da família. De lá para cá, foram muitas experiências, oportunidades, desafios e percalços, durante os mais de 40 anos de carreira. Hoje Silvia segue atuando sempre em prol da cultura, da educação e da arte, se concretizando como sinônimo de luta na cena cultural cearense.

Revista Maré Alta: Como iniciou sua carreira artística? Como decidiu que queria trabalhar com arte?

Eu comecei muito criança, era normal as escolas ofertarem complementos então você podia fazer dança, teatro, karatê, violão, artes manuais, desenho, pintura. Então eu comecei a fazer dança na escola. Era uma coisa “normal”, só que em um determinado momento, minha professora abriu uma escola e eu quis ir pra escola pra fazer parte. Aí minha mãe falava: não, não tem nada a ver. Mas eu falei: eu quero! E ela: se você quer, você resolve, problema seu. Aí eu meio que entendi que era problema meu e fui resolver. Naquela época eu dava aula, ajudava a fazer tarefa de alunos da minha rua, pintava fralda, pano de prato pra vender. (O curso) era caro, era longe e

aí eu fui, era uma coisa minha..

Quando minha mãe falou que não queria, eu vi que aquilo era importante pra mim, porque eu queria continuar. Foi quando a minha vontade apareceu. Não é só uma coisa, eu quero fazer isso, é importante pra mim. A partir dos 15 anos virou trabalho, eu comecei dar aula, comecei com uma turma, depois peguei outras. Aí com 16, 17 anos eu comecei a viajar pra fazer cursos, porque aqui não tinha. E essas formações eram caras, mas, como eu estava trabalhando, eu juntava dinheiro pra poder viajar e fazer os cursos. E aí fiquei uns dois, três anos nessa coisa, dando aula. Nessa época, eu saí de casa, porque minha mãe não queria, ela queria que eu fosse pra universidade, fazer outra coisa, medicina. Eu entendi que pra ter minha vida, eu tinha que ir viver minha vida.

RMA: Como foram os seus primeiros passos após essa decisão?

Mais na frente eu fui fazer uma audição, no grupo da Dora Andrade, que tinha um grupo antes da Edisca. Quando eu cheguei lá, vi que a aula era diferente, não era a mesma coisa que eu estava acostumada a fazer. Na Dora era algo mais profissional, a gente ia pra festival, se apresentar fora da cidade, em outros estados.

“Nessa época, eu saí de casa, porque minha mãe não queria, ela queria que eu fosse pra universidade, fazer outra coisa, medicina. Eu entendi que pra ter minha vida, eu tinha que ir viver minha vida.”





Também foi o período que eu entrei no teatro. Eu sentia que faltava alguma coisa naquela dança que eu estava dançando. Eu não sabia o que era, não tinha ideia. Só sentia que faltava. Eu tinha uma diferença, eu dançava e me envolvia muito, chorava... E as pessoas dançavam com a mesma cara, qualquer dança. Eu vivia levando carão porque tinha caras diferentes, chamava atenção, porque, naquela época, uma bailarina era aquela coisa pasteurizada, a expressão do bailarino era uma coisa mais ou menos igual pra todo mundo, que é muito vinda do balé clássico, muito plástico. Eu achava estranho. Como eu danço um samba do Chico Buarque todo mundo alegre e danço As Mães da Praça de Maio, que é super triste, com a mesma cara? Eu não conseguia entender. E isso era um problema.

Aí comecei a fazer teatro e no teatro eu entendi que realmente não faz o menor sentido não ter nenhuma expressão para as coisas. Entendi que talvez eu tivesse que buscar uma outra dança, que nem existia, eu nem sabia qual era. Naquela época não existia dança contemporânea. Essa alcunha só vai aparecer no final dos anos 90, até então tudo o que saía dos moldes tradicionais era considerado jazz, dança moderna (sem ser dança moderna, que é uma técnica).

Com o teatro, entrou um mundo completamente novo na minha vida. Eram pessoas mais

“Eu vivia levando carão porque tinha caras diferentes, chamava atenção, porque, naquela época, uma bailarina era aquela coisa pasteurizada”

livres, falavam sobre tudo. Aí comecei a ver espetáculos de teatro, que antes só via de dança, porque também não tinha muito acesso. E entre os 18 e 24 anos fiquei nesse lugar, que queria uma dança, que eu não sabia qual era, mas que tinha que existir em algum lugar.

Quando completei 24 anos eu engravidei e tomei várias decisões. Tinha uma coisa que me incomodava muito na academia: tudo era guiado pelo dinheiro: as meninas da primeira fila nem sempre eram as melhores bailarinas, mas porque a família ia patrocinar o festival. Isso me incomodava, porque eu via as pessoas se esforçando e quem estava na frente nem sempre eram essas pessoas. Aí eu decidi que não queria mais dar aula em academia, embora fosse isso que me sustentasse.

Nessa mesma época, fiz parte de um espetáculo que foi um marco na história do teatro no Ceará e na minha também. O nome é “Não verás país nenhum”, baseado no texto de Ignácio Loyola Brandão, muito forte e com uma visão muito moderna. E aí fui chamada pra fazer esse trabalho e foi muito forte, porque criei a sequência, trabalhei com os atores e, justo nessa época, o Teatro José de Alencar entrou em reforma e quem ficou na direção foi o Augusto Bonequeiro. Em conversa, ele falou: ah, porque você não cria um curso, uma coisa pra trabalhar com pessoas que querem dançar mas não são bailarinos? Devem ter outros atores que querem trabalhar o corpo, não pra dança, mas para outras coisas. Aí a gente criou o curso e entraram 28 pessoas. O curso durou 8 meses. Começou com 28 e terminou com 28, ninguém saiu, zero evasão. E aí eu montei um trabalho final, que foi o primeiro trabalho que assinei como coreógrafa.

A gente estreou e já na primeira apresentação estava acontecendo um movimento muito forte na cidade que ia acabar com a casa do estudante. Aí propus: se ao invés de fazer no teatro, porque não fazíamos na casa do estudante, para apoiar eles? Naquele tempo era uma coisa absurda, porque a dança nunca saía do lugar de cena normal, que é o palco, piso de madeira, etc. E lá a gente se apresentou no cimento, no pátio

“Pela primeira vez, eu vi um trabalho que eu pensei: olha, eu não tô ficando louca, tem sim uma outra maneira de dança.”

enorme e todo mundo estava em protesto assistindo e eu já tava grávida, já com barriga.

RMA: Você encontrou esse lugar de dança?

Em 1994, 1995 eu assisti um espetáculo que mudou muita coisa. Veio um grupo de Brasília, e eu fiquei encantada, porque, pela primeira vez, eu vi um trabalho que eu pensei: olha, eu não tô ficando louca, tem sim uma outra maneira de dança. A partir de uma apresentação deles em Nova Iorque que se começou a identificar a dança contemporânea no Brasil. E aí tudo que não cabia no balé clássico, não cabia em lugar nenhum, era dança contemporânea.

A dança contemporânea é isso, uma mistura de possibilidades, várias linguagens, teatro, dança, circo, literatura, artes visuais. A dança contemporânea pode tudo, é uma espécie de multilinguagem, pode caber algo que nem seja



Foto: Luiz Alves

dança. A partir daí as coisas começaram a fazer um outro sentido, tanto porque não me sentia mais sozinha, como porque apareciam outras danças contemporâneas. Isso começou a tomar corpo e eu estava nesse momento muito focada em juntar o teatro e a dança, de fazer uma coisa, que nem era teatro, nem era dança e eu continuei minha carreira, fazendo cursos.

Muitas coisas fizeram sentido, comecei a viajar fora do Brasil com o meu trabalho, ter noções de outras técnicas, outras coisas que envolviam o teatro, a dança e a literatura. As pessoas tiveram que engolir, porque no começo falavam que o que eu fazia era doidice. Só que aí essa doidice virou uma poética clara, que teve continuidade, vieram os primeiros prêmios, primeiros editais, tudo isso no início dos anos 2000.

RMA: A partir de que momento decidiu focar no trabalho solo?

Em 2012 tomei outra decisão, que não queria fazer parte de grupo, não queria trabalhar em coletivo, queria me debruçar no meu trabalho solo, que eu já fazia, mas não tinha aquela dedicação que eu dava ao grupo. E aí a partir de 2012 eu comecei a trabalhar no meu solo e desde 2008, 2006.. eu vinha desenvolvendo uma ideia, que hoje é uma poética mesmo, que se chama dança desabafo que é uma série de preceitos estéticos, poéticos e éticos que me norteiam para montar um trabalho. Me dediquei nisso e fiz trabalho solo, que já tem aí 10 anos.

RMA: Quais experiências marcantes você já vivenciou na dança?

Eu dei aula no sistema penal de 2003 até 2011. Montamos uma série de trabalhos que não falavam sobre a prisão que tinham temáticas relativas ao que eu vivia lá. Dei aula no IPPO 1, que foi desativado, no IPPO2, Auri Moura Costa e na CPPL3. Nesse último, dei aula pra uma turma, que eles que pediram, só de travestis e gays. Era uma penitenciária especial, diferenciada. Tinha um aluno meu nessa cadeia, aí eles pediram que eu fosse pra lá e eu fui. O projeto acabou, mas fiquei sozinha, por minha conta. Tinha uma carta de salvo conduto que me per-



“As pessoas tiveram que engolir, porque no começo falavam que o que eu fazia era doidice. Só que aí essa doidice virou uma poética clara, que teve continuidade”

mitia entrar pra dar aula.

RMA: Era diferente dar aulas para essa população?

A diferença não é das pessoas, mas do ambiente. Vários alunos eu ensinei a ler, porque não sabiam ler nada, e também relação de vida. Pessoas que nunca tiveram acesso a nada, e de repente fazer uma coisa boa, sair no jornal com uma notícia boa.

Na primeira leva a gente fez um espetáculo, eram 4 homens e 13 mulheres. Tiramos da cadeia e levamos pro Teatro. Teatro lotado, imprensa, 200 policiais e eles foram aplaudidos. Saiu em jornal, a primeira vez que eles e a fa-

mília viam algo positivo deles, sendo tratados como gente. Foi uma das coisas que vivi que tive ciência de que se eu parasse ali já estava de bom tamanho. Mas não é bem assim, a gente não para quando tá tudo lindo. A gente continua...

Eu sinto muita falta desse trabalho, quero muito voltar quando passar isso da pandemia. É um trabalho realmente de cura, porque eles se sentem ouvidos, respeitados, eles se relacionam. Porque na cadeia as pessoas não se relacionam, não podem ter amizade, vivem o tempo inteiro se defendendo um do outro. E numa aula não tem bando, todo mundo é aluno, todo mundo é escutado, visto e respeitado. Era o acordo entre a gente.

RMA: Trabalhar com arte pode ser muito desafiador no nosso país. Você passou por dificuldades? E depois de tanto tempo no meio, ainda passa?

Nunca sei como vai ser amanhã, mas ninguém nunca me disse que ia ser fácil. Nunca criei expectativa de ter grana, ser rica, de ter uma vida fácil. Primeiro porque venho de uma realidade que já não era fácil, não tinha família rica, não tinha apoio, não tinha ilusão. Nunca achei que fosse ser um mar de rosas. Mas eu não achei que chegaria com tanta dificuldade a velhice. Isso eu não achava. Eu achava que quando eu tivesse velha, eu teria um pouco de tranquilidade. O que não é verdade, porque eu já tenho 56 anos e não tenho tranquilidade nenhuma.



Foto: Eunilo Rocha

“Se você vive de arte, tem que pensar no agora. Nosso futuro é 2,3 dias pra frente no máximo. Não dá pra dizer o que vou fazer em dezembro. Não faço ideia.”

Agora nesses anos eu aprendi algumas coisas pra continuar vivendo de dança, principalmente. Diminuir tudo o que fosse possível. Abrir mão de todas as coisas que não me são permitidas por não ter dinheiro. E eu vou levando...

Agora tive muita sorte, não sei se é sorte, é merecimento mesmo. A vida inteira trabalhei muito de graça, pra todo mundo. Aí ganhei um prêmio agora na pandemia e esse prêmio vai me permitir ficar esse ano com um pouco de tranquilidade, sem ficar desesperada por não ter trabalho.

Para se ter uma ideia, eu tava devendo de junho de 2019 até dezembro de 2020. Com o prêmio pude pagar a dívida e me manter esse ano. Eu queria comprar uma casa, mas não vai dar. Porque nesse momento ou sobrevivo ou compro uma casa. Não adianta comprar uma casa e não ter como viver nela. Eu penso: você vive de arte, é muito complicado pensar no futuro. É uma fonte de sofrimento.

Se você vive de arte, tem que pensar no agora. Nosso futuro é 2,3 dias pra frente no máximo. Não dá pra dizer o que vou fazer em dezembro. Não faço ideia. Eu posso sair agora, ter três convites pro meu trabalho, mas posso passar meses sem nenhum. Você tem que ter uma visão de que não pode criar expectativa de futuro. Viver o agora e sempre nessa expectativa de guardar um pouco para amanhã, não tenho como fazer dívida em cartão de crédito. Como vou ter uma

dívida de 12 meses se não sei quando vou ter trabalho?

A vida de quem vive como eu vivo é uma vida que precisa ter equilíbrio, no sentido de não querer o que é do outro, não olhar pra vida do outro e querer a vida do outro e entender que a sua vida tem limitações. Mas quem vive só de arte, que é dono do seu próprio trabalho, tem que ter outros meios de entender a vida. Porque senão você fica querendo ter a vida do médico, do dentista, do jornalista, disso e daquilo, e você não vai ter. Vai se sentir frustrado, incapaz, quando na verdade é só porque a nossa vida é diferente mesmo. Quem tem muito dinheiro é quem trabalha com cinema, televisão, mídia, indústria cultural. eu faço espetáculo para 20, 30, 100, 200 pessoas. Não tem como ficar rico.

RMA: Você é uma pessoa muito ativa politicamente. Você acredita que arte e política se complementam? Se expressar através da arte é um ato político?

Eu só falo das coisas que eu acredito e dentro da minha forma de trabalhar, há uma luta por justiça, por colocar em questão por exemplo a política. Eu faço parte de fóruns, eu puxo reuniões, eu faço mediação com secretarias, governos, já estive em muitas instâncias de decisão política e sempre fui conhecida (é verdade, não é folclore) como manter minha dignidade e lutar pela dignidade das pessoas que fazem o futuro.

Não só para a dança, ou só pra mim, mas para todos. Sem essa coisa de “vão me cortar, boicotar”. Ok, então corta, boicota. Eu me invento, eu faço espetáculo aqui na frente da minha casa se eu quiser. Nunca tive isso de concordar porque eu quero pedir uma pauta, eu nunca tive esse tipo de preocupação. Luto por aquilo que acredito que é justo, pelo que acredito que é o melhor para nossas áreas de atuação.

O que eu tenho, ninguém pode tirar de mim. O que eu tenho tá comigo e vai comigo quando eu morrer. Não posso dar pra ninguém nem ninguém pode me tirar. É meu, porque sou eu mesmo. Então eu faço dança onde eu quiser, eu

Foto: Camila Almeida



“A vida de quem vive como eu vivo é uma vida que precisa ter equilíbrio, no sentido de não querer o que é do outro, não olhar pra vida do outro e querer a vida do outro e entender que a sua vida tem limitações.”

sou livre. Eu vou, se não tiver nenhum teatro, ninguém me der pauta, eu faço aqui, no quintal, no quarto, em casa, como tenho feito. Se não tiver casa, faço na rua. E vai ser assim, eu não tenho nada que alguém possa tirar. Eu não devo nada a ninguém, a não ser o aluguel, luz (risos), as coisinhas... faz parte!

A realidade que a gente vive de desmonte é muito grande, claro que a pandemia piorou muito, mas antes já estava muito difícil. A era Temer abriu espaço para esse desmonte da era Bolsonaro. Começou ali, do impeachment pra cá. As coisas começaram a piorar pra quem não tem dinheiro, pra quem é pobre. E as pessoas que têm algum dinheiro, seguram um tempo, mas agora tá pegando pra elas também. Só não vai pegar pra quem é muito rico, porque quem tem pode perder.

Enfim, aí me perguntam: como você não cansa? de estar sempre batendo de frente? Não, não canso não. Porque eu acho que tô lutando por algo que talvez não seja pra mim, que não cheguem as condições ideais pra mim, mas eu quero, quando terminar a vida, saber que eu fiz parte das mudanças que vão dar dignidade aos artistas e eu não fiquei parada esperando que ninguém brigasse por mim não. Vou lá e brigo, por mim e pelos outros. Se você fica senta-

do esperando que caia no seu colo as condições ideais, quando você vê as condições ideais não chegaram e o que você fez? Nada!

Eu quero contribuir porque eu quero que dê certo. Não é porque não votei, eu quero que dê errado não. Porque quando dá errado, quem se lasca somos nós. É a ponta mais frágil que se prejudica, são os artistas da periferia, do interior, que não têm condições de fazer nada. Não é o governo que perde, somos nós. Tendo votado ou não, eu tô lá! Bora lá fazer, bora cobrar.

Governo não é família, não dá pra achar que o governo vai fazer, vai acordar e vai fazer. Nós que temos que dizer das nossas demandas, necessidades, colocar realidade, dos técnicos, das pessoas "invisíveis" dentro da cultura, que ninguém conhece, ninguém sabe se tá passando fome, sem trabalho. Temos que falar sobre essas pessoas. A rede que compõe os fazedores da cultura é enorme. Vai da costureira que faz o figurino ao cara que limpa o teatro pra você se apresentar. São pessoas que precisam ser vistas, que precisam de dignidade. Por mais que faça meu trabalho sozinha, sempre tem alguém envolvido. Não há como não envolver ninguém no seu trabalho, tem sempre outras pessoas no trabalho. E precisam ter dignidade e ser lembradas.



Foto: Luiz Alves

OPINIÃO

Para antes de dormir ou quando pedir o coração



Foto: Acervo pessoal

Gabi Gomes*

Pereço licença aos que vieram antes e bênçãos aos mais velhos. Venho falar do que considero preciosidades em meio às agruras dos dias atuais. Nesses tempos, as artes vêm acarinhando almas e acalentando corações. É o caso do projeto “Histórias para ninar uma criança preta”. O que seria um espetáculo teatral precisou do intermédio direto das mídias e da tecnologia para chegar ao público. Com texto e direção de Conceição Soares, “Histórias para ninar uma criança preta” é um podcast disponibilizado no instagram da artista (@conceicaocosta_13), estreado em abril de 2021. O projeto é fruto de uma disciplina do curso de teatro da Universidade Federal do Ceará e conta com direção musical de Francisco Erik.

Com uma sensibilidade pulsante, as vozes

de Conceição e Francisco vão nos embalando rumo a nossa ancestralidade, com recursos musicais e narrativos que provocam uma experiência repleta de sensorialismo. Voltadas ao público infantil, as histórias contadas nos episódios trazem referências importantes da cultura africana antes e pós diáspora, falando diretamente aos pequenos sobre a relevância, a beleza e a epistemologia do povo preto.

Bell Hooks, escritora feminista afroamericana, nos diz sobre a importância do amor como fonte de cura. Em um trecho do seu texto “Vivendo de amor”, a autora conta que, quando criança, enxergava que o amor, para os seus, era visto como um luxo. Suprir as necessidades materiais, alimentar e ensinar a ser forte eram as verdadeiras demonstrações desse sentimento, mas isso ainda deixava uma lacuna profunda

na vida das crianças. Por isso, ela insiste que “é possível encontrar espaços para amar e brincar, para expressar criatividade, para receber carinho e atenção. Aquele tipo de carinho que alimenta corações, mentes e também estômagos. No nosso processo de resistência coletiva é tão importante atender as necessidades emocionais quanto as materiais”.

Contar ou ouvir uma história antes de dormir tem um significado simbólico que nos aproxima mais do amor, do cuidado e da leitura. É um ato político e de resistência ensinar as crianças pretas sobre as histórias dos seus antepassados, falar sobre a beleza dos seus traços (pele, nariz, cabelos, boca) e demonstrar abertamente carinho. Uma criança munida por todos esses presentes cresce mais preparada para entender as próprias necessidades emocionais e mover as estruturas sociais responsáveis pelo genocídio de homens, mulheres e crianças pretas.

Ver projetos como esse surgindo dentro do ambiente acadêmico é de aquecer o coração e adoçar a boca dos nossos ancestrais. Que a nossa produção intelectual adentre todos os espaços! Celebro iniciativas assim, que enchem de amor nossas crianças, as nutrindo de imaginação, criatividade, resistência e afeto. “Histórias para ninar uma criança preta” é um projeto independente e contínuo que surge da partilha do amor de um casal negro e escoa para as nossas casas. Hoje, a criança que mora em mim muito se alegra ao ser ninada por Francisco e Conceição.

***Gabi Gomes é atriz, produtora cultural e graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisa Feminismo Negro em diálogo com as artes.**

SERVIÇO

“Histórias para ninar uma criança preta”

Podcast Independente
disponibilizado no Instagram de Conceição Costa
(@conceicaocosta_13)
Clique na foto ao lado e confira!

“Contar ou ouvir uma história antes de dormir tem um significado simbólico que nos aproxima mais do amor, do cuidado e da leitura.”



A arte depois dos 50



Foto: Hei Nascimento

Seguir uma carreira artística pode ser muito desafiador. Nem sempre há investimento, apoio público e reconhecimento na área. E, quando a idade avança, a insegurança se torna ainda maior. Com tantas instabilidades pelo caminho, como será viver de arte depois dos 50 anos?

A cantora, compositora e atriz, Adna Oliveira, iniciou profissionalmente na vida artística aos 54 anos, quando entrou como aluna de canto no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, em 2011. “Eu pensava, de fato, que seria barrada por causa da idade, mas pra minha surpresa, a galera mais nova me aceitava, me curtia, então eu só fui, me joguei e não me preendi muito a essa coisa da idade. O que me

ajudou foi o fato de eu ser aberta, querer aprender, ser curiosa e não acreditar que só ter muitos anos vividos faz de mim alguém com sabedoria inquestionável. Nós morremos aprendendo e não importa quanto tempo isso demore a acontecer”, conta.

Adna já sonhava em ser artista desde pequena, mas o cenário social da época não foi tão favorável a esse desejo. “Na verdade, sempre me senti uma artista, mas descobri isso recentemente. Na minha época era proibido, principalmente no contexto religioso onde eu nasci e cresci, e isso fez com que eu acabasse ofuscando essa característica, até de mim mesma. Hoje em dia, quando vejo minhas fotos e registros antigos, inclusive de quando eu frequentava a igreja, vejo que sempre me comportei como uma artis-

“Posso parecer um pouco contraditória, mas penso que nessa fase da vida as dificuldades diminuem, porque não tem mais a euforia de ser famosa e conquistar o mundo como na juventude”

ta, era natural, só agora eu entendo porque eu era uma pessoa tão estranhada”.

Sobre os desafios da profissão, a cantora os enxerga com mais maturidade, de forma serena. “Posso parecer um pouco contraditória, mas penso que nessa fase da vida as dificuldades diminuem, porque não tem mais a euforia de ser famosa e conquistar o mundo como na juventude, quando isso é latente. Eu já tive, isso, não que hoje não tenha mais, só que se isso vier como resultado de um trabalho bem feito, entregue com dedicação, estudo e muito amor, é claro que eu vou acolher, mas não é meu objetivo primário”, revela.

Já os sonhos e desejos para o futuro seguem muito vivos no coração e Adna revela alguns planos: “Posso te dizer com uma certa empolgação que eu sonho gravar ainda um EP inteirinho de músicas autorais, um outro EP interpretando cantores cearenses, de preferência independentes e não tão famosos, pretendo também participar de um longa bem massa, já que o audiovisual também anda me abraçando, e talvez eu tenha vontade de me apresentar no The Voice +, mas quero estar bem preparada, não quero fazer feio, não necessariamente ganhar, se ganhar vai ser ótimo, maravilhoso, mas quero pelo menos chegar lá com classe”, ri a artista.

Dami Cruz é figurinista e estilista há mais de quatro décadas, entrou na profissão por acaso,



Clique e confira os clipes de Adna Oliveira no Youtube



pois desde jovem já era notório o talento para desenhar. Se formou atriz, mas foi maquiadora, costureira, cenógrafa e muito mais. O tempo de trabalho trouxe para ela muito conhecimento, mas driblar as dificuldades da profissão é algo que Dami precisa fazer até hoje. “O cenário melhora e piora. Às vezes a pessoa não me chama (para um trabalho) porque pensa que é complicado, que eu vou cobrar caro, algo assim, e

Foto: Tim Oliveira



tem gente que me escolhe porque pensa no meu conhecimento. Tem sempre dois lados: alguém me chama por causa da minha experiência e alguém tem medo de me chamar por causa da minha experiência”, explica a figurinista. “Eu nunca vou me sentir segura, só se eu ganhasse na loteria e aplicasse parte do dinheiro, mas ao mesmo tempo acho que é isso que me move. Eu tenho 62 anos, trabalho há muito tempo, então talvez se eu tivesse uma renda de outra forma eu talvez tivesse me acomodado”, complementa.

O relacionamento com artistas mais jovens é sempre construtivo para Dami, que vê sempre novas oportunidades de aprender “Eu já entrei num ensaio que ninguém do elenco me conhecia, eu acho isso muito positivo, significa que, mesmo eu trabalhando há mais de 40 anos, ainda tem coisa para ser conquistada, mostrada. Eu aprendo muito com as pessoas mais jovens, eu aprendo com todo mundo. Tenho essa disposição para aprender diariamente, quem trabalha com imagem aprende até onde não é óbvio”, comenta.

Para Dami, o tempo de trabalho e a experiência adquirida ao longo dos anos só impulsionam a vontade de crescer e se aventurar ainda

“Sou uma pessoa muito inquieta, tenho sempre um plano para amanhã. Isso de estar sempre renovando, mudando as coisas, pintando o cabelo de outra cor, é também um jeito de sonhar”

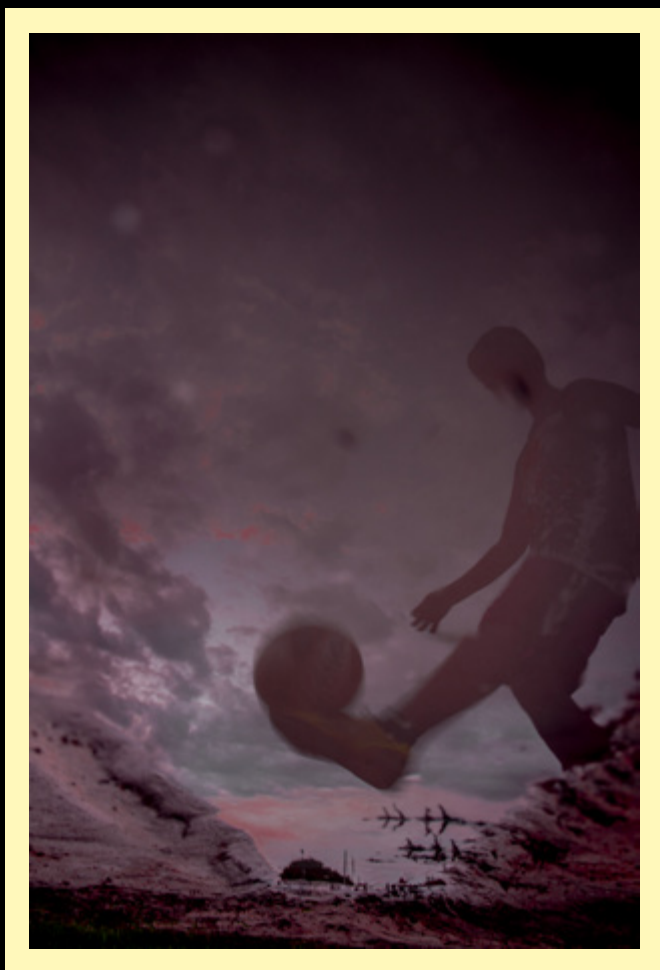
mais. “Eu me permito sonhar diariamente, inclusive eu viajo na maionese. Sou uma pessoa muito inquieta, tenho sempre um plano para amanhã. Isso de estar sempre renovando, mudando as coisas, pintando o cabelo de outra cor, é também um jeito de sonhar”, finaliza a artista.

[ENSAIO]



A Cidade e a lama Por Leo Silva

“ A Série surge após as diversas andanças na cidade, desde que comecei a sair para fotografar a mostrar uma outra visão da minha comunidade, vi em alguns reflexos essas visões, dos prédios, e obras que muitas das vezes estavam inacabadas, comecei a fotografar essas lamas, e ter uma outra visão sobre a LAMA, a CIDADE, e também a GENTE. Essa obra parte com proposta de pensar a cidade, onde se encontram e como as lamas se formam.”







Sobre o artista

Leo Silva é escritor, fotógrafo e documentarista. Começou seu trabalho fotográfico em 2015, atualmente segue com duas exposições fotográficas individuais: “Meninos de Deus” 2019 e “Simplicidade - Simples Cidade” 2017.

Confira o instagram do artista: @desconectaleo



Acessa aí!

Confira a nossa curadoria de apresentações, shows, podcasts e muito mais! Aproveite os trabalhos dos artistas clicando nas imagens desejadas.



Permanência e Movimento

O artista cearense Wesdley Vasconcelos lançou seu álbum triplo intitulado “Permanência e Movimento”. Na contramão do mercado fonográfico, que costuma investir nos singles, o artista lançou 31 faixas nascidas no projeto Fábrica de Canções, que transforma em música a histórias das pessoas.

Wesdley Vasconcelos é compositor e multi-instrumentista, idealizador do projeto Fábrica de Canções.

Disponível no Spotify e no Youtube
Instagram: @fabricadecancoes

Uma fita gasta, Cemitério de Flores

“Uma fita gasta - um diário sonoro - debruçar sobre sonhos, sobre lágrimas - risos de alegria - desespero - medo - felicidade, estar pensante, pensar sobre o tempo, sobre chão, sob o chão! Estar sobre a terra nunca foi tão preciso pra mim como agora.”

Cemitério de Flores é uma pesquisa-experimento em arte sonora, música electroacústica e pintura experimental. Produzido por Rodrigo Brasil e gravado na Toca da Matraca em Sobral CE

Disponível no canal do Youtube
Instagram: @cemiteriodeflores





MarCalmo

O projeto MarCalmo veio como resposta e respiro para as limitações impostas pela pandemia causada pela covid 19. Como fruto dessa experiência foi gerado em Maranguape-CE um EP de estreia com canções escritas em diferentes épocas e vivências do autor, contendo 4 músicas, sendo uma instrumental.

Disponível no canal do Youtube.
Instagram: @m_arcalmo

Histórias de Além-mar

Iniciado durante a pandemia, em 2020, o Projeto “Histórias de Além-mar” realiza uma contação de histórias de origem afro-brasileira, baseadas na literatura e oralidade. A iniciativa é da educadora Isathai Morena. Entre as histórias contadas estão: A árvore de cabeça para baixo, Carne de Língua, Princesa Anastácia e O Guerreiro Forte e Terrível.

Disponível no canal do Youtube
Instagram: @morena.de.micaiaa



O título vem depois.

“ Uma Newsletter Literária mensal de Contos. Link na BIO do instagram @jssna_ ”

LEI ALDIR BLANC

O título vem depois

De autoria da escritora Jéssina Jussara, o projeto é uma Newsletter literária gratuita na qual são lançados mensalmente contos inéditos. Ao se inscrever na newsletter, qualquer um tem acesso a todos os materiais já enviados. Cada conto tem uma história única voltada para narrativa de mulheres e, embora sejam avulsos, há um fio narrativo que liga todos os 12 contos que estão sendo publicados na Newsletter esse ano.

Disponível para inscrição no Instagram @jssna_



Vai ter Carnaval

O cantor, compositor e ator Zéis lançou o single “Vai ter Carnaval” com um convite para uma experiência de festa em solitude. Contando com a participação de músicos cearenses e mineiros, a faixa, originalmente lançada em seu primeiro álbum em 2017, ganha nova versão e videoclipe.

A composição é fruto de uma parceria com o artista, também cearense, Jânio Florêncio. Apesar de ter sido escrita há quatro anos, seus versos parecem falar dos dias atuais, quando a possibilidade de aglomerar está impedida em decorrência dos protocolos de segurança provocados pela pandemia do novo coronavírus.

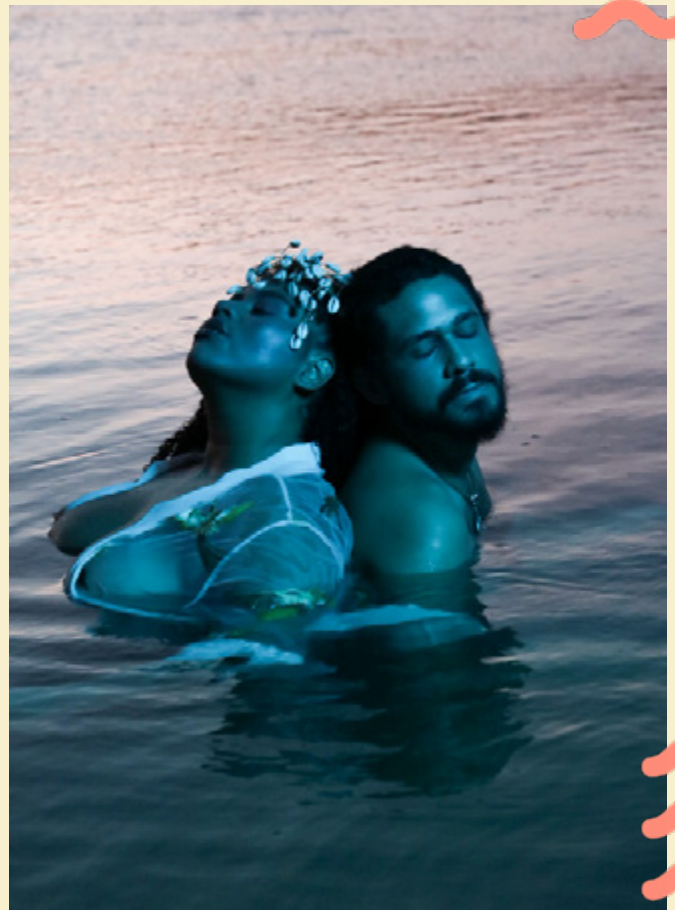
Disponível nas plataformas digitais e videoclipe no Youtube .
Instagram: @zeis_musica

Fevereiro

O cantor Zéis lançou ainda “Fevereiro”, novo single com participação de Luiza Nobel. A música traz mensagem sobre nascimento, memória e ancestralidade. O single é uma das quatro faixas do EP (ainda sem nome) que será lançado no final do ano, reunindo as canções “Vai ter Carnaval”, “Menino Velho”, “Fevereiro” e “Saudade mata nós”.

Cada uma delas, apesar de lançadas em momentos diferentes, estão conectadas pelas temáticas (viagens, destino, partidas e chegadas, caminhos, memórias), como também pela unidade na construção visual dos videoclipes.

Disponível nas plataformas digitais e videoclipe no Youtube
Instagram: @zeis_musica





O som de Rafael Di Angêlo

Rafael Di Angelo é um dos artistas da nova safra do Cariri cearense. Entre as canções autorais destaca-se “Casulo”, primeiro single lançado pelo artista. Tendo como tema a ansiedade, a canção mostra o mundo interno do eu-lírico refletindo as questões proeminentes das pessoas dos tempos atuais, ao mesmo passo em que começa a apresentar o universo particular do artista. O cantor lançou ainda o seu mais novo single, “Crown”, uma canção que catalisa todo o sentimento acerca do momento que o mundo passa na pandemia e tem como tema a saudade das pessoas que amamos.

Disponível nas plataformas digitais e no Youtube
Instagram: @rafaeldiangelo

Janela Aberta

”Janela Aberta” é o mais novo trabalho da cantora e compositora Paula Aragão. Escrita em parceria com Gabriel Aragão (Selvagens à Procura de Lei), “Janela Aberta” funde pop contemporâneo, jazz e MPB, resultando num autêntico som brasileiro da nova geração. Seus versos tratam do amor depois do amor, dos sentimentos que ficam após o fim de um relacionamento.

O clipe, ainda em produção, revela trechos do relacionamento de um casal, que ainda pairam a memória da moça, mesmo após o seu fim e mistura o drama com breves toques de descontração.

Em breve disponível nas plataformas digitais
Instagram: @soupleaulaaragao





Lançamentos da Apollo 85

A banda Apollo 85 lançou dois novos singles, “Como que num Instante”, mantendo a parceria de produção com o, também cearense, Matheus Brasil (ou MattB) e “Dias de Sim, Dias de Não”(foto) , terceiro single lançado esse ano e que traz uma gama de influências da banda, desde a introdução psicodélica até estrofes com batida eletrônica.

A música fala sobre os altos e baixos da vida, sobre prazeres e lições dos momentos que exigem coragem.

Disponível nas plataformas digitais e videoclipe no Youtube

Instagram: @apollo85banda



Tempo de partir

Esquentando a estreia do seu próximo disco, “Ensaio sobre o Tempo”, Italo Azevedo apresentou mais uma das faixas que compõem o projeto. Dessa vez, em parceria com Gabriel Aragão, do Selvagens à Procura de Lei. Intitulada “Tempo de Partir”, a canção é um convite ao passado, reverenciando memórias sem, necessariamente, estar ou ficar preso no que já passou.

Com clima rock, pop e indie, projeto ganhou videoclipe conceitual e guiado por metáforas que se encaixam com a narrativa proposta pela música. A direção, fotografia e roteiro são de Camila de Almeida. A montagem e finalização ficou por conta de Gabriel Araújo.

Disponível nas plataformas digitais e videoclipe no Youtube

Instagram: @italomazevedo



REVISTA 
MARÉ
ALTA
* CHEIA DE ARTES *